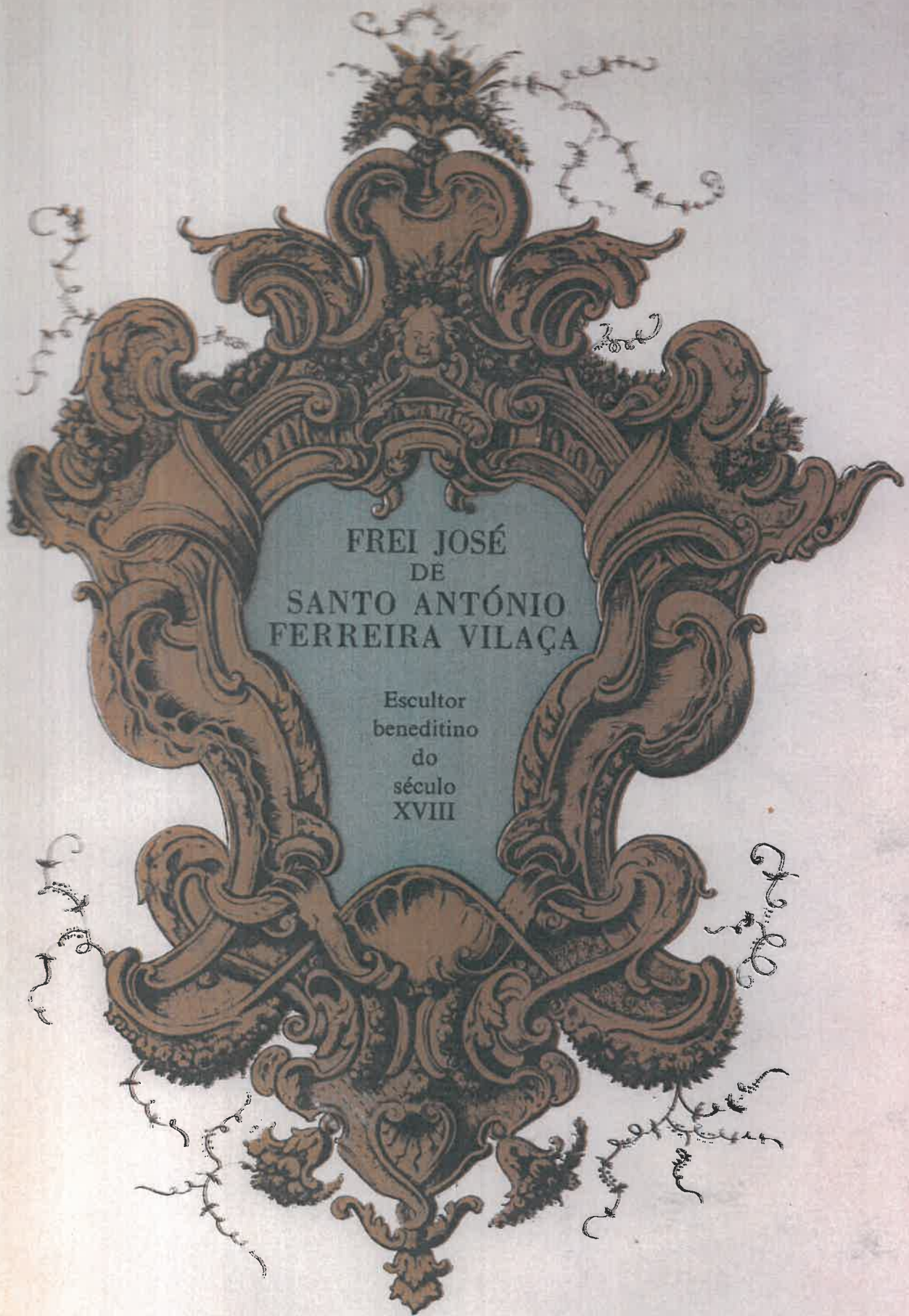


ROBERT C. SMITH



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

ROBERT C. SMITH

FREI JOSÉ  
DE  
SANTO ANTÓNIO  
FERREIRA VILAÇA

ESCULTOR BENEDITINO DO SÉCULO XVIII

VOLUME II



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

*Lisboa*





260 / Lisboa, Nau S. Vicente.  
*Figura feminina*



261 / Lisboa, Nau S. Vicente.  
*Cabeça de uma figura feminina*

Aqui a forma reduzida das pernas e o tamanho exagerado da cabeça tornam a figura quase uma caricatura. O tratamento da cabeça é muito mais mole, a roupa mais estática e a pintura do sangue menos evidente.

Por estas razões julgo a imagem de Pombeiro obra de algum entalhador que se inspirou num modelo de Fr. José de Santo António. Nesta categoria coloco também os Cristos Crucificados da capela-mor de Paço de Sousa, coros de Santa Marinha da Costa e S. Frutuoso e da nave de Cucujães (ests. 137, 210, 213 e 143). Estas várias imagens indicam que o tipo de Cristo Crucificado ideado por Fr. José de Santo António, baseado em parte numa figura anterior do coro de Tibães (est. 251), se tornou uma norma beneditina no último quartel do século XVIII.

*notas*

---

<sup>1</sup> ADB, CSB, n.º 122.

117 Pombeiro (Felgueiras).

Santa Maria.

*Duas Figuras Femininas.* Castanho policromado e em parte dourado.

Atribuídas.

Data: desconhecida.

Altura: 1,07 m e 1,05 m.

Estampas 258 e 259.

No coro da igreja de Pombeiro há duas figuras de donzelas, de gestos e atitudes extravagantes, cuja autoria, data e função são desconhecidas. Colocadas actualmente nas extremidades do que resta do espaldar do cadeiral arruinado, não se sabe se sempre se encontraram mais ou menos nesta posição ou se foram assim colocadas quando das obras de demolição, que tão profundamente estragaram um dos conjuntos mais ricos e complexos de toda a obra de Fr. José de Santo António.

Não há referência a estas imagens nas diversas descrições do coro de Pombeiro nos «Estados» de 1770, 1773 e 1776, e o último fala dos «dezoito Meios Corpos» postos nos «lados do Coro»<sup>1</sup>, que nada têm que ver com estas estátuas. Os movimentos dos braços levantados e corpos inclinados parecem corresponder às notas de música saindo do órgão vizinho, como se fossem músicas<sup>2</sup> ou cantoras. É possível que fizessem parte da guarnição das caixas do órgão e «órgão mudo» (est. 227), que continha entre outras imagens uma alegoria da Justiça mencionada no «Estado» de 1773, que posteriormente desapareceu, juntamente com todas as outras que havia.

Estilisticamente há pouca ligação entre as duas donzelas do coro de Pombeiro e as imagens documentadas de Fr. José de Santo António. Convém notar porém que os olhos, as sobrancelhas, orelhas e unhas dos pés correspondem directamente aos da imagem de S. Pedro da igreja de Pombeiro (est. 248), indiscutivelmente desenhada por Fr. José de Santo António. Além disso, seria pouco provável que o grande artista beneditino, que precisamente desenhou tantas outras coisas, não fosse responsável também de duas imagens tão originais como

estas. Foram com certeza esculpidas pelo mesmo artista que fez a estátua de S. Pedro. Se este foi realmente Fr. José de Santo António, podemos considerá-lo o entalhador das donzelas do coro de Pombeiro.

*notas*

<sup>1</sup> ADB, CSB, n.º 122.

<sup>2</sup> Como as mulheres tocando violinos ou violoncelos nas caixas dos grandes órgãos da Catedral de Santiago de Compostela, desenhadas por Domingo Antonio de Andrade e entalhadas por Miguel de Romay em 1705 (Antonio Bonet Correa, *La arquitectura en Galicia durante el siglo XVII*, Madrid, 1966, est. 183).

118 Lisboa.

Nau S. Vicente.

*Quatro Imagens Femininas*. Castanho policromado e parcialmente dourado.

Atribuídas.

Data: desconhecida.

Altura aproximada: 1,50 m.

Estampas 260 e 261 e estampa a cores p. 275.

Em Pombeiro havia um segundo grupo de donzelas, como prova uma fotografia do arquivo do Ministério das Obras Públicas<sup>1</sup>. Foram posteriormente adquiridas por um antiquário da Póvoa de Varzim, que as vendeu ao falecido Dr. Leitão de Barros, com destino à nau S. Vicente<sup>2</sup>. Quando examinei estas imagens na sua casa de Lisboa, foi logo confirmada a impressão, que a fotografia me dera, de elas pertencerem à mesma família das figuras do coro de Pombeiro. Têm as mesmas mãos e orelhas, as mesmas cabeças altas com certas feições iguais, como o modelado da zona por cima dos lábios. Mas o que mais une os dois grupos de imagens é o tratamento do cabelo, levantado em altos tufo acima das testas, que sugerem qualquer ornato de entalhador.

Esta apresentação é tão original que não hesito em considerá-las todas obras desenhadas por Fr. José de Santo António e esta convicção é fortalecida pela comparação das quatro imagens, agora em Lisboa, com as seis dos órgãos de Refóios de Basto (ests. 262, 264 e 265) onde se observam a mesma estatura baixa, forma de cabeça e pormenores de indumentária. Usam os mesmos corpetes com altas golas e mangas divididas, envolvidos em volumosos panos com rugas angulares. A este respeito a alegoria da Esperança recomenda-se sobretudo à nossa consideração. Ainda mais interessante, contudo, é a comparação com a figura documentada da Virgem Menina do grupo de Santa Ana (est. 247) de Tibães porque, além dos paralelos físicos já notados, as duas imagens ostentam o mesmo tipo de pano em festões sobre o peito.

Não sei identificar com certeza estas quatro encantadoras imagens tão ricamente vestidas e ornadas de nistros, nós, cintas e franjas. Diferentes nas suas atitudes paradas, silenciosas e pensativas, como nos seus vestidos, das duas figuras do coro, parecem quatro santas irmãs e esta interpretação talvez dê a chave do enigma.

Em Felgueiras, perto de Pombeiro, está o santuário da Virgem Santa Quitéria, uma das nove irmãs gémeas veneradas pelo povo do Minho. No século XVIII os beneditinos de Pombeiro mantinham uma «ermida de Sta. Quitéria», como revela o «Estado» de 1786<sup>3</sup>, sem indicar exactamente onde ficava. Seriam as imagens de Lisboa quatro das irmãs gémeas,

que faziam parte de um grupo inteiro que existia em Pombeiro, ou nos arredores? Não há símbolos iconográficos para nos ajudar. As irmãs costumavam segurar palmas nas mãos<sup>4</sup> e estas imagens dão a impressão de terem sustentado qualquer objecto semelhante.

As superfícies estão bastante prejudicadas pela extensiva repintura que ostentam as caras e as mãos.

notas

<sup>1</sup> Gentilmente mostrada pelo architecto José Marques Abreu, do Porto.

<sup>2</sup> Cópia de uma embarcação à vela do século XVII, construída com o fim de visitar portos estrangeiros com amostras de produtos comerciais de Portugal.

<sup>3</sup> «P. Fr. Agostinho de Sta. Maria, Capelão da Ermida de Sta. Quiteria.» (ADB, CSB, n.º 122.)

<sup>4</sup> Flávio Gonçalves, Em Torno da Iconografia das Irmãs Gémeas», BCCP, vol. XXV, 1962, pp. 465-498, pp. 465-498.

119 Refoios de Basto (Cabeceiras de Basto).

S. Miguel.

*Três Imagens Alegóricas da Caixa do Órgão.* Castanho pintado de branco.

Documentadas: *Livro de Rezam.*

Data: 1767-1773.

Bibliografia: *Livro de Rezam*; «Estados» de Refóios de Basto de 1770 e 1773.

Estampa 262.

O grupo de três estátuas encimando o órgão de Refóios de Basto, juntamente com as outras que lhe correspondem no «órgão mudo» da mesma igreja, formam um conjunto de grande significado na obra de Fr. José de Santo António, porque marcam uma nova tendência para maior liberdade e variedade na representação da figura humana. Aqui, uma década depois das primeiras hieráticas estátuas de Tibães, Fr. José de Santo António experimentou novos efeitos de movimento, no corpo e na roupa, que, na maioria das vezes, sofreram do pouco conhecimento de anatomia que possuía. Resulta uma impressão de arte popular, em marcado contraste com a sofisticação da talha ornamental que acompanha as imagens, as quais, como frequentemente sucede com a arte do povo, revelam a força e originalidade da personalidade do seu autor. Aumenta a impressão de arte popular que estas imagens produzem a camada de tinta branca que as cobre, em evidente imitação de mármore de Carrara.

A ideia dos dois grupos de imagens deriva das caixas do par de órgãos da Sé de Braga (est. 263), inaugurados em 1737 e 1739, cuja talha, assinada por Marceliano de Araújo, representa uma das maiores expressões no Norte de Portugal do estilo joanino da época<sup>1</sup> em 1737. Estas caixas, como também o majestoso cadeiral da Sé que as ladeia (est. 23), executado por Miguel Francisco da Silva, do Porto, foram uma mina de sugestões artísticas para a talha de Fr. José de Santo António.

No remate da caixa do órgão de Refóios de Basto ele repetiu a figura central, representando a Religião, que distingue o órgão da Epístola da Sé de Braga. Ostenta os mesmos atributos — a tiara papal e a igreja —, mas, em vez de segurar aquela na mão esquerda, como faz a alegoria de Braga, veste-a como a estátua seiscentista simbolizando a Igreja